



A IDENTIDADE NACIONAL NAS BATALHAS DOS GUARARAPES¹

NATIONAL IDENTITY IN THE BATTLES OF THE GUARARAPES

Amanda Marques de Carvalho Gondim²

Resumo: Em vários momentos da história do Brasil as batalhas dos Guararapes são objeto de afirmação da identidade nacional. Apresentada como palco da união das três raças para a expulsão de um inimigo comum, criou-se o discurso de surgimento de uma guarda nacionalista, preocupada em defender os interesses do reino. O Parque Histórico Nacional dos Guararapes foi o resultado capitaneado pelo governo federal em fazer emergir espaços para exaltação de uma narrativa histórica que antecedeu à própria existência do Estado brasileiro, como resultado do Projeto Rondon. Mostrar a educação como espaço para disputa de narrativas acerca de uma nacionalidade brasileira que remete à ausência de divergências é o objetivo deste artigo. Espera-se, com isto, suscitar a leitura crítica de um momento da história da educação no Brasil, quando vozes dissonantes não estavam autorizadas.

Palavras-chave: Identidade Nacional. Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Projeto Rondon.

Abstract: At various times in the history of Brazil, the battles of the Guararapes are the object of affirmation of national identity. Presented as the stage for the union of the three races for the expulsion of a common enemy, the discourse of the emergence of a nationalist guard was created, concerned with defending the interests of the kingdom. The Guararapes National Historical Park was the result led by the federal government in raising spaces for the exaltation of a historical narrative that precedes the very existence of the Brazilian State, as result the Rondon Project. Aim education as a space for disputing narratives about a Brazilian nationality that refers to the absence of differences is the objective of this article. It is hoped, with this, to provoke the critical reading of a moment in the history of education in Brazil, when dissonant voices were not authorized.

Keywords: National Identity. Guararapes National Historical Park. Rondon Project.

¹ Artigo recebido em 20 de junho de 2020 e aceito em 05 de setembro de 2020.

² Doutora em Educação. Professora da Rede Estadual de Pernambuco. amcgondim@gmail.com. Orcid <http://orcid.org/0000-0001-9248-9859>. ResearcherID AAS-4592-2020.

Introdução

As batalhas dos Guararapes são objeto de afirmação da identidade nacional brasileira desde há muito. O ápice desse discurso foi a criação e inauguração de um parque no local onde ocorreram as batalhas, no século XVII. Resultado do Projeto Rondon, Operação Guararapes, o Parque Histórico Nacional dos Guararapes (PHNG) representou o esforço do governo federal em fazer emergir espaços para a exaltação de uma narrativa histórica que antecede à própria existência do Estado brasileiro.

Segundo Canclini (2008, p. 164), “a escola é um palco fundamental para a teatralização do patrimônio. Transmite em cursos sistemáticos o saber sobre os bens que constituem o acervo natural e histórico”. Um Projeto, como foi o Rondon desde a sua criação, em 1968, até sua retomada, em 2003, possui como principal objetivo integrar ações do Ministério da Defesa, que centraliza o projeto, com os Ministérios da Educação, Desenvolvimento Social e Agrário, Saúde, Meio Ambiente, Integração Nacional, Esporte e a Secretaria de Governo da Presidência da República (BRASIL, [2020?]). A educação foi o elo no desenvolvimento de discursos para o projeto durante o período da ditadura militar, primeiro momento de implantação do Projeto Rondon.

A educação como espaço para disputa de narrativas acerca de uma nacionalidade brasileira que remete à ausência de divergências é o objetivo deste artigo. Nesse sentido, educação em sentido lato, ampliando para espaços de produção de saber, mas também de exercício do poder. Um discurso elaborado em vários momentos da história do Brasil, mas instado como expressão de verdade na década de 1960 e pelo atual governo. Espera-se, com isto, suscitar a leitura crítica de momentos da história da educação no Brasil, quando vozes dissonantes não estão autorizadas. Apresentar o PHNG como resultado do Projeto Rondon nos Guararapes³ e como o discurso das batalhas dos Guararapes na formação nacional e do exército brasileiro é o caminho escolhido. Esse discurso se pauta na afirmação de uma identidade nacional forjada naquele espaço onde ocorreram duas batalhas para expulsão dos holandeses.

Em vários momentos da história a temática ‘batalhas dos Guararapes’ surgiu com inúmeros significados, mas em todos eles o ideal de “surgimento da pátria” é visto como algo indiscutível e serviu para atender a um questionamento antigo na história do país: quando foi o surgimento

³ O Projeto Rondon nos Guararapes foi o único Projeto Rondon que teve abordagem científica tão diversificada, envolvendo estudantes e pesquisadores de várias áreas para resolver um único problema, a criação de um parque histórico nacional.

real do Brasil? Ao colocar as batalhas dos Guararapes como resposta, sustentada na ideia da união das três raças, a expulsão de um inimigo comum e a ideia do surgimento de uma guarda nacionalista, interessada em defender os interesses do reino, tem-se a afirmação de que a pátria nasceu em Jaboatão dos Guararapes.

De acordo com Evaldo Cabral de Mello (2008), a produção do nativismo foi forjada nas batalhas dos Guararapes. O nativismo, para ele, deve ser visto não como algo estreito e negativo, mas principalmente como produto do imaginário. No que diz respeito ao nativismo do período colonial brasileiro, Mello (2008) afirma que, por não ser visto pela coroa portuguesa como algo que ameaçasse seu domínio, era tolerado e até incentivado pela metrópole. No período histórico tratado, os anos de 1960 e 1970, o local serviu de panteão na produção de uma identidade nacional por meio das batalhas dos Guararapes. O Projeto Rondon nos Guararapes desenvolvido na região foi palco de intensa pesquisa, cuja participação de estudantes e órgãos das mais diversas áreas contribuiu para sua relevância.

A elaboração de um discurso consiste na ligação de enunciados com o objetivo de afirmar as batalhas dos Guararapes como palco do surgimento da nacionalidade brasileira, em um contexto histórico no qual o regional e o nacional não viam diferença enunciativa. Para a construção desse discurso, outros são postos de lado. Seguindo Foucault (2008, p. 30), é questionado o motivo pelo qual alguns acontecimentos emergem e não outro em seu lugar. Para o caso brasileiro, por que as batalhas dos Guararapes e não outro episódio em seu lugar, Um dos mecanismos para se entender é partindo da ideia de procedimentos de exclusão para chegar a esse preceito, visto serem estes que designam a produção dos discursos. Foucault (2008a) elabora em *A ordem do discurso* os procedimentos de exclusão a partir de alguns princípios. São eles: o princípio de interdição, ou a palavra proibida; o de exclusão, ou segregação da loucura e o de força da verdade, ou vontade de verdade⁴. Ao inquirir sobre uma identidade nacional, faz-se alusão ao que converge na formulação de enunciados possíveis de eleger 'verdades' unificadoras.

A partir de um dado contexto histórico, 'verdades' são postas para validar determinados interesses. Infere-se, a partir do pensamento de Foucault, que o conhecimento e a ideia de humano são construções historicamente concebidas. Tem-se por meio disso que os discursos existentes

⁴ O conceito adotado será este último, a vontade de verdade. Nesse sentido, essa vai ser a chave para o entendimento da instituição de uma identidade por meio da formação discursiva de surgimento da pátria brasileira a partir das batalhas dos Guararapes.

em determinado período constituem o entendimento sobre o que é ser humano naquele momento.

“Cada geração seleciona ruínas do passado e, juntando-as de acordo com seus próprios ideais e valores, faz delas casas características de seu tempo” (ELIAS, 2001, p. 32); desse modo, elementos do passado surgem não apenas como episódios, mas para configurar ideias do momento quando emergem na condição de discurso.

O Projeto Rondon foi criado em 1966 em reunião ocorrida no Rio de Janeiro, extinto em 1989 e relançado em 2005. O Projeto Rondon nos Guararapes surgiu para legitimar enunciados presentes nos mais diversos discursos dos sujeitos, posteriormente ao acontecimento. As batalhas dos Guararapes promoveram uma unidade de grupos formadores do povo brasileiro que serviu de pretexto em vários momentos da história do nosso país. Foi assim que em 1948 a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres e a colina onde ela se encontra foram decretadas Monumento Nacional e em 1961 a área dos Montes Guararapes é registrada no Livro de Tombo Histórico n.º 334 como “Berço da Nacionalidade Brasileira” (PARQUE, 2020).

O Projeto Rondon nos Guararapes e as Batalhas dos Guararapes

Foi realizado um intenso trabalho de escavação arqueológica e levantamento botânico com o objetivo de identificar os vestígios ainda presentes na região decorrentes do período das batalhas, bem como perceber resquícios de vegetação original. Das escavações, encontraram-se ossadas, balas de canhão, além da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, cuja edificação ocorreu em várias etapas, tendo sido a primeira ainda em 1656. A própria construção da igreja serviu para a afirmação da identidade nacional brasileira por meio da unidade religiosa.

[...] Poderíamos mesmo dizer que à medida que foi sendo erguida, a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres também assentava, nos seus alicerces, os alicerces definitivos de nossa religião. E não só isso. A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres veio sendo, através dos tempos, cenário de grandes acontecimentos. Recebeu, inclusive, a visita do Imperador D. Pedro II que aqui esteve em 1859 (BRASIL, 1971, p. 62).

Avocar à construção da igreja importância para a consolidação religiosa do país e justificativa de unidade nacional consiste numa simpatia que apenas serve à afirmação discursiva de identidade. Ao citar personagens da história e sua presença nesse espaço confere significados talvez inexistentes no período quando foi criado. “O patrimônio existe como

força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (CANCLINI, 2008, p. 162); essa afirmação traduz bem a maneira colonizada como a história do Brasil é representada ao apontar a igreja não apenas como espaço físico, mas também elo entre os diversos povos que compuseram a formação inicial da nação.

O levantamento botânico apresentou as características geológicas e cartográficas do local. Quanto à vegetação, identificou as plantas nos diferentes segmentos topográficos e geológicos da região, considerando a ação antrópica ainda no século XVII. A proposta resultante seria isolar a área e esperar a natural regeneração paisagística do parque. Com o tempo escasso existente, propôs-se a implantação de bosques, priorizando oitizeiros e outras espécies nativas. O local atualmente conta com um bosque de Pau-Brasil. No aspecto populacional, os estudos apresentaram uma ocupação cujos habitantes não tinham qualificação e, conseqüentemente, baixo nível econômico. Além disso, a população não demonstrou interesse em sair do local, sendo apresentadas como solução melhoria das condições de habitação e parcerias para qualificação profissional.

Em 1971, após dois meses de estudos do Projeto Rondon nos Guararapes, foi inaugurado no dia 19 de abril o PHNG. A data remonta ao episódio da primeira das duas batalhas ocorridas nos Montes Guararapes⁵ e à criação do Exército Brasileiro. O projeto em si teve cunho educacional na medida em que o desenvolvimento foi realizado com a ajuda de estudantes de várias partes do país que auxiliaram na elaboração e execução do projeto. Exemplo disso eram as comemorações cívicas ocorridas no período de festejos das batalhas dos Guararapes, cuja importância se dava pela Festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Os desfiles cívicos tinham a participação das escolas, que se preparavam para as apresentações, contextualizando a importância do feito histórico. Quanto aos festejos religiosos, havia a presença bastante valorizada de membros do clero católico.

Por meio da escavação, levantamento de dados, transcrição de textos e elaboração de relatórios foi escrito o livro Projeto Rondon nos Guararapes, no qual se abordam todos os passos percorridos do início ao fim do projeto. A obra foi publicada pelo Ministério do Interior e contou como presidente da comissão de construção do PHNG com o comandante do IV exército, o Gen. de Exército João Bina Machado. O projeto ocorreu entre fevereiro e abril de 1971 e coordenado por Estanislau Monteiro

⁵ A primeira ocorreu em 19 de abril de 1648 e a segunda, em 19 de fevereiro de 1649. Naquele momento, o Brasil era colônia de Portugal e uma parte do que hoje é o Nordeste brasileiro estava ocupada pelos holandeses, sendo a sede desse governo na capitania de Pernambuco.

de Oliveira, à época coordenador regional do Nordeste do Projeto Rondon, atualmente vice-presidente do Instituto Projeto Rondon Nacional.

O esforço foi realizado pelas instituições legitimadoras do discurso oficial, aqui representados pelo Exército Brasileiro, pela Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, pela companhia nordestina de serviços gerais, pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco, pelo 2º Distrito da Diretoria de do Patrimônio Artístico Nacional, pelo governo do estado de Pernambuco, pelo Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, pelo Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais, pelo Museu do Estado de Pernambuco, além das instituições de ensino superior do estado, como a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Universidade Católica de Pernambuco.

O discurso apresentado na primeira parte do livro coloca as batalhas dos Guararapes na condição de concretude da resistência à dominação holandesa. O “orgulho da pátria em Guararapes” estava demonstrado na bravura dos brasileiros ante o poderio bélico dos holandeses. Tal qual mostrado no mural elaborado por Brennand, o poderio bélico dos holandeses é também aqui ressaltado. No entanto, a numerosa e experiente organização militar holandesa não intimidou o contingente luso-brasileiro. O interesse em defender sua liberdade e terra fez com que o grupo luso-brasileiro tivesse motivações mais fortes para lutar.

O Projeto Rondon nos Guararapes figurou como uma das superfícies de emergência para afirmação de uma identidade nacional pautada na unidade dos povos que compuseram o Brasil desde o período colonial. O processo de elaboração e finalização, a inauguração do PHNG, em 1971, com a presença de autoridades governamentais, como o presidente em exercício naquele ano, Emílio Garrastazu Médici, surgiu na concretude do discurso que já se encontrava inserido na sociedade e atendia aos interesses do governo militar em promover uma narrativa nacional que vinculasse o surgimento da pátria ao do exército.

De acordo com o general de exército João Bina Machado, o objetivo principal do Projeto Rondon era a de “canalizar a agressividade natural e válida da juventude, no sentido de uma participação mais realista na construção do Brasil Grande com que todos sonhamos e que à juventude pertencerá”⁶. Segundo Estanislau de Oliveira, coordenador regional do Nordeste do Projeto, o Projeto Rondon figurava como o maior movimento universitário do gênero no mundo.

⁶ Palavras pronunciadas pelo general na ocasião do encerramento da operação Guararapes do Projeto Rondon e reproduzidas no prefácio do livro “Projeto Rondon nos Guararapes”.

O projeto Rondon nos Guararapes, que deu origem ao livro de mesmo título e ao PHNG, datados do ano de 1971, não fez distinção para o significado das palavras pátria e nação, colocando-as no mesmo grau de importância e datando o surgimento do sentimento de ambas do período da insurreição pernambucana. No livro, há um capítulo intitulado Dois Marcos da Nacionalidade, sendo esses o Arraial Novo do Bom Jesus e a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Apontar as batalhas dos Guararapes como local de surgimento da pátria e da nacionalidade possuía o sentido de assimilar as duas palavras, confundindo-as, o que nesse caso confere um mesmo sentido: o de unidade territorial e cultural.

Citado no livro *História do Exército Brasileiro*, o comandante general Mascarenhas de Moraes acompanhado do Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, ao voltar da expedição enviada em 1945 à Europa, afirmou nos Montes Guararapes ter sido o local onde “se forjou e alicerçou para sempre a base da nação brasileira” (BRASIL, 1972, p. 165). No capítulo sobre a insurreição e restauração pernambucana, há um subitem intitulado Surge o ideal de Pátria. “[...] O ideal de restabelecimento da Pátria que aglutinava diversas gerações de brasileiros, brancos, pretos, índios, mulatos, caboclos e muitos portugueses que vieram para ficar” (BRASIL, 1972, p. 170); sendo uma obra elaborada pelo Estado Maior do Exército Brasileiro, trazia um olhar considerado oficial do governo à época. O texto procura não apenas unir brancos, pretos e índios como também afirmar seus antepassados como brasileiros e constatar portugueses que vieram para ficar, já identificados com a pátria. Um primeiro discurso, tendo em vista as batalhas dos Guararapes, foi criado.

Ao concatenar as fontes, tornando visível o discurso, percebe-se a sua possibilidade não pela existência de uma verdade pronta e acaba, mas principalmente pelos seus ‘comentários’. A partir do comentário, abre-se uma das formas de semelhança abordadas por Foucault: a simpatia. Segundo ele, a simpatia possui o poder de “tornar as coisas idênticas umas às outras” (FOUCAULT, 2007, p. 32); é seguindo esse pensamento que significados tão distintos quanto a pátria, a nação e as batalhas dos Guararapes foram aproximados em um único significado, sendo negadas as suas individualidades.

Estabeleceu-se um tronco comum para todos os povos formadores do Brasil: a religião cristã católica. Por simpatia, a origem da nacionalidade estava atrelada à construção da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, criando quase que uma indistinção entre uma e outra. A religião cristã católica durante muito tempo na história do Brasil figurou na condição de única religião existente, apesar da ocorrência visível de vários sincretismos.

Independente disso, a Igreja Católica possuía, ainda nas décadas de 1960 e 1970, grande ascendência sobre vários espaços da sociedade brasileira, inclusive na educação do Estado que, apesar de laico, incentivava as manifestações religiosas promovidas pela Igreja Católica.

O período marcado pela insurreição pernambucana é tratado em alguns espaços sob o título de campanha de libertação. O líder da empreitada teria sido João Fernandes Vieira, restando ao “índio” Poti (Filipe Camarão) e ao “negro” Henrique Dias apenas o início da revolta. Natanael Sarmiento (1977?) afirma que o elemento europeu se apresentava como a maior influência na constituição étnico-cultural brasileira, ao tratar da formação étnica e cultural do Brasil. Considera os índios como os que menos influenciaram na formação brasileira. Os negros, segundo sua justificativa, vieram para desempenhar atividades “necessárias ao estabelecimento de uma colonização com base na cultura da cana-de-açúcar” (SARMENTO, [1977?], p. 12). Ao tratar os povos subjugados pelo branco europeu, ele considera ser algo próprio das culturas primárias a absorção de elementos da civilização visitante. De maneira bastante discriminatória, coloca os índios na condição de meros consumidores, sem critérios.

Os rituais de antropofagia foram adjetivados como “macabros banquetes”, deixando entender que todos os grupos indígenas existentes no Brasil exerciam essa prática. A religião indígena era vista por meio das “limitações”, sendo “rudimentar e essencialmente ligada à idéia (sic) de magia” (MAIOR, 1971, p. 45). As tradições e rituais foram apontados como complexo de flagelação, que fizeram surgir brincadeiras infantis como peia queimada ou a manja. Os principais representantes desses ritos indígenas eram os pajés, assim mostrados:

Eram os feiticeiros grandes embusteiros ou crentes sinceros como os outros selvagens? Embora tivessem plena consciência das vantagens e prestígio de seu cargo, e conseqüentemente (sic), o cercassem de mistério, os pagés (sic) eram tão crentes como os outros membros da tribo. Primitivos que eram não podiam fugir à cultura de seu grupo (MAIOR, 1971, p. 47).

Com essa colocação, é possível perceber nitidamente a inferiorização que se atribui aos índios quanto a sua cultura. No que concerne à religião, é vista na condição de primitiva e alienada do ponto de vista racional, pois que até os pajés, donos dos conhecimentos mágicos, acreditavam nas práticas que exerciam. Afirmar que seria inocência ou tipificar com a conotação de que os pajés fossem embusteiros diminui o ritual religioso

dos indígenas. As religiões de matriz indígena, como as de matriz africana, eram vistas na condição de inferiores e não válidas.

Ao tratar a organização social indígena, mais uma vez tem-se por base a sociedade europeia, apontando para a existência “forçosa” de promiscuidade, pelo fato de morarem em um mesmo ambiente algo em torno de 50 e 200 pessoas. Apesar de tratar todos os grupos indígenas brasileiros na condição de primitivos, afirma-se a existência de diferenças entre eles como cor da pele, estatura, além de considerar alguns mais “adiantados” e outros mais “atrasados”. Não se apontam maiores diferenças culturais, mas concorda-se que nenhum deles “serviam” para o trabalho rotineiro da cana-de-açúcar, ressaltando seu papel no Brasil colonial como inimigo, aliado ou escravo. Apresenta-se, pois, a formação da etnia brasileira como um dos principais legados advindos dos índios referindo-se à mistura de brancos e índias, muitas vezes incentivadas e legitimadas pelas instituições sociais. Seria motivo de orgulho para muitos brasileiros descender de índias.

A fé é o ponto alto na descrição do sentimento patriótico surgido nas guerras de restauração, mais particularmente nas batalhas dos Guararapes. Os acontecimentos são apontados “com esforço hercúleo, vontade inquebrantável, fé, sacrifícios indescritíveis e processos de combate genuinamente brasileiros, criaram condições para a recuperação de Pernambuco e Angola para Portugal, além de preservarem a unidade física e espiritual do Brasil” (BRASIL, 1972, p. 165). Tanto a unidade territorial quanto a espiritual são tomadas representando grande valor para o surgimento do sentimento patriótico, evidenciando a religião cristã em detrimento das demais, oriundas dos índios e negros. Não há constrangimento em afirmar que o índio não possuía religião e, por isso, assimilou a religião católica. Ao tratar das religiões professadas pelos negros, em algumas passagens se faz o sincretismo com a católica, colocando a visão do negro na condição de primitiva.

O Parque Histórico Nacional dos Guararapes (PHNG) e a História do Exército Brasileiro

O PHNG veio para responder a uma série de justificativas afirmadas dentro da Operação Guararapes, como um dos caminhos de pesquisa percorridos pelo Projeto Rondon. Atualmente, encontra-se ligado ao Ministério da Defesa e tem por objetivos principais “contribuir para o desenvolvimento e o fortalecimento da cidadania do estudante universitário” e “contribuir com o desenvolvimento sustentável, o bem-estar e a qualidade de vida nas comunidades carentes, usando as habilidades universitárias” (PROJETO RONDON, 2020).

Para o projeto realizado na região dos Guararapes, o PHNG contou com a participação do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco, Companhia Nordestina de Serviços Gerais, Diários Associados de Pernambuco, 2º Distrito da Diretoria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, III Distrito Naval, Empresa Jornal do Commercio S.A., IV Exército, Governo do Estado de Pernambuco, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Ministério da Aeronáutica – 2ª Zona Aérea, Museu do Açúcar e do Alcool, Museu do Estado de Pernambuco, Polícia Militar de Pernambuco, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Todas as instituições contribuíram nas etapas de elaboração e execução do PHNG descritas a seguir.

Estudantes de História e cadetes elaboraram estudos para, ao final, justificar a contribuição das Batalhas dos Guararapes para a formação da nacionalidade, manutenção da unidade territorial e espiritual do Brasil e da formação do espírito das Forças Armadas do país. Além de relacionar a insurreição pernambucana com movimentos ocorridos posteriormente: Tentativa republicana em 1710, 1817 e 1824; movimentos insurreicionais ocorridos na Bahia, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Identificar os mais destacados personagens da Restauração Pernambucana e justificar a influência na formação do espírito de nacionalidade brasileira.

Estudantes de Biblioteconomia deveriam fazer levantamento bibliográfico e iconográfico de obras referentes à Insurreição Pernambucana. Estudantes de Botânica apresentariam estudo da flora na região dos Guararapes do período quando ocorreram as batalhas e atual, com o objetivo de restauração.

Estudantes de Sociologia deveriam concluir e justificar a contribuição das batalhas para os fundamentos da democracia brasileira, do apoio irrestrito da população à causa da insurreição, da disposição para a luta dos luso-brasileiros – incluindo a participação de brancos, pretos, índios e mestiços – e as festas populares na região, a exemplo a Festa da Pitomba.

Estudantes de Arquitetura deveriam apresentar estudo da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres. Apresentar soluções visualizadas a partir do anteprojeto do Plano Diretor do Parque Histórico.

Estudantes de Belas Artes deveriam fazer uma relação entre todas as pinturas e esculturas existentes em Olinda e Recife que remontassem

à Restauração Pernambucana, sobretudo às Batalhas dos Guararapes. O projeto solicitava ainda a elaboração de uma pintura das batalhas ou uma escultura de seus vultos: Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Dias Cardoso, Felipe Camarão e Henrique Dias.

Estudantes de Serviço Social deveriam apresentar soluções para a remoção das 1.400 pessoas que habitavam o parque no momento de elaboração do projeto. Ainda, realizar um levantamento dos problemas sociais que poderiam ocorrer com a retirada das moradias dessas pessoas.

Estudantes de Arqueologia integrariam a equipe de pesquisas liderada por um comandante da polícia militar de Pernambuco. Ao final, os estudantes deveriam indicar os locais dos Montes Guararapes onde seriam conduzidas pesquisas arqueológicas.

A elaboração desse documento com as diretrizes foi assinada pelo Major Engenheiro Cláudio Moreira Bento, coordenador assistente na construção do PHNG e da Operação Guararapes dentro do Projeto Rondon. Os trabalhos foram iniciados em janeiro de 1971 e o PHNG foi oficializado como Monumento Nacional em 19 de abril de 1971, data da primeira batalha. Envolveu pesquisadores de Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Norte, Bahia, Brasília, Rio de Janeiro, Sergipe, Mato Grosso e Maranhão nas áreas citadas anteriormente. O resultado foi um livro com os seguintes temas: A insurreição e suas causas; As guerras dos Guararapes; Dois marcos da nacionalidade; Botânica, restauração, problemas; Futuro panorama do parque; Iconografia.

Os três primeiros temas do livro têm relação com o capítulo do livro *História do Exército Brasileiro: Guerra holandesa – 4º período – insurreição e restauração pernambucana*. A obra lista as causas para a insurreição: dívidas dos luso-brasileiros não pagas aos holandeses; especulações de comerciantes estrangeiros em Recife; rivalidades entre moradores do campo e do centro urbano de Recife, deixando os primeiros reféns financeiros dos segundos; expansionismo da Holanda com ameaça em ampliar suas conquistas no território brasileiro; disputa por posse de terras entre pernambucanos e invasores e antagonismo religioso entre católicos e calvinistas. No livro do projeto, tem-se como causas:

os antagonismos entre a nossa religião e a religião dos invasores, a repercussão positiva da Restauração Maranhense, a saída de Maurício de Nassau de Pernambuco, os desmandos e extorsões do govêrno (sic) que o sucedeu e, sobretudo, em consequência disso, o espírito revoltado dos patriotas, o primeiro elo de ligação entre os brasileiros. A luta contra o invasor flamengo, na verdade, anulou ou atenuou, em parte, as distâncias sociais existentes (BRASIL, 1971, p. 29).

Tratar como “nossa religião” em contraposição a “religião dos invasores” possui o mesmo sentido levantado anteriormente acerca de antagonismo religioso entre católicos e calvinistas. Nos dois textos, temos uma religião única e unificadora do povo brasileiro, em contraponto à religião calvinista que, embora cristã, não corresponde à “nossa religião”. Tendo sido objetivos do projeto Rondon justificar a formação da nacionalidade e contribuição das batalhas na “manutenção da unidade espiritual do Brasil” (BRASIL, 1971, p. 16), considerar a unidade religiosa no campo dos patriotas brasileiros constituía na afirmação de identidade nacional.

Para o Brasil não seria possível elaborar a identidade por meio da afirmação de raça ou passado comum aos índios, portugueses e africanos; por isso: “Ousaríamos até dizer que os holandeses, despertando o espírito de revolta dos luso-brasileiros, moldaram, de certa forma, as características iniciais de nossa personalidade como nação e como povo” (BRASIL, 1971, p. 29).

Na *História do Exército Brasileiro*, ao justificar o lema “Restauração da Liberdade Divina e da Pátria” (BRASIL, 1972, p. 170), afirma-se que trazia o ideal aglutinador de gerações de brasileiros “brancos, pretos, índios, mulatos, caboclos e de muitos portugueses que vieram para ficar. A maioria já considerava Pernambuco como pátria, com o mesmo significado do Brasil de hoje” (BRASIL, 1972, p. 170). A vontade de verdade, tomada aqui por verdade, surge nos discursos em vários momentos da história.

No período de inauguração do PHNG significou legitimar o poder de uma instituição, a militar, mas também o governo exercido por ela naquele contexto. O periódico *Caderno Moinho Recife* teve como capa da edição 9, de novembro de 1971, a inauguração do PHNG, com fotografia de hasteamento da bandeira nacional (BENTO, 2020). Há no periódico dois artigos elucidativos do episódio mencionado, escritos por Jordão Emerenciano, sob o título Guararapes e a unidade brasileira, e por Maj. Cláudio M. Bento, sob o título O espírito sagrado dos Guararapes. Nesse último, o autor menciona trechos do livro *As batalhas dos Guararapes*, ressaltando a “religiosidade” brasileira como unidade espiritual de nacionalidade.

O uso da palavra “pátria” pela primeira vez em um documento, citado na *História do Exército Brasileiro*, encontra eco no *Projeto Rondon nos Guararapes*. O General Mascarenhas de Moraes em 1945, final da Segunda Guerra Mundial, aparece discursando na Igreja Nossa Senhora dos Prazeres. Nele, proclama:

Nesta Colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a Força Armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação brasileira. Na qualidade de Comandante da

Força Expedicionária Brasileira, deponho o Campo de Batalha dos Guararapes os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas nos campos de Serchio, dos Apeninos e no Vale do Pó (BRASIL, 1971, p. 73).

Percebemos dois momentos da história em que as forças armadas buscam nas batalhas dos Guararapes sua justificativa de surgimento. O final da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil esteve contra o nazifascismo europeu, e em 1971, marcado por uma das fases mais duras da ditadura militar no país. Ainda assim, ambos evocam enunciados de liberdade e identidade nacional ao se referirem ao PHNG e as batalhas de expulsão dos holandeses.

A *História do Exército Brasileiro* defende a preservação das ruínas onde ocorreram as batalhas de expulsão dos holandeses, numa concordância do que houvera sido feito com a inauguração do PHNG. Os dois últimos capítulos do livro *Projeto Rondon nos Guararapes* trazem esse intento. O PHNG surgiu, por fim, para ser um espaço histórico e cultural, preservado para fins patrimoniais e turísticos. No projeto constavam restaurantes, teatro e biblioteca, além de um museu. A realidade do PHNG não corresponde totalmente com o projeto inicial, com a elaboração de um Plano Diretor para o parque em 1996.

Considerações finais

O mito da democracia racial brasileira encontra nas batalhas dos Guararapes o enunciado da união das três raças formadoras do país contra um inimigo comum. Esse inimigo, invasor, estrangeiro e herege, confronta com o elemento de unidade cultural dos brancos, negros e índios, a religião católica. A religiosidade que confere sentido ao “ser brasileiro” naquele momento ecoa nos discursos de vários indivíduos ao longo da história do país. Por ausência de uniformidade étnica, racial ou social, o significado para a identidade nacional transcende aspectos objetivos e encontram sentido nos subjetivos. É desse modo que o índio cristianizado, o negro cristianizado e o português cristão católico, que trouxe a civilização ao continente, entenderam a importância de expulsarem os holandeses.

O PHNG foi resultado do Projeto Rondon nos Guararapes, levado à cabo em 1971 por várias instituições educacionais que se juntaram ao governo federal com o objetivo de inaugurar um espaço de exaltação da identidade nacional. Tendo por acontecimento as batalhas dos Guararapes o PHNG significou a consolidação da união dos povos

formadores do Brasil. A afirmação do surgimento da pátria e do exército brasileiro naquele local passaram a ser o discurso perpetuado em vários momentos da história.

As identidades nacionais são resultado das relações humanas e as necessidades de afirmação de ideias em um dado contexto histórico e social. As formações discursivas encontram inúmeros pontos de convergência nas batalhas dos Guararapes. A liberdade é um enunciado evidenciado várias vezes quando se tratou desta instância de delimitação por ser retratada do ponto de vista que foi de fato uma luta pela expulsão do ‘invasor’. O sentimento de “amor à terra” foi o comentário mais enfatizado ao lembrar as batalhas em contraponto ao mero desejo de “exploração” dos batavos.

Eleger um episódio da história do Brasil cujo comentário reporta a anulação ou atenuação das distâncias sociais comunga perfeitamente com o sentimento de integração nacional e, principalmente, de paz social. Nos vários contextos históricos destacados é possível perceber uma necessidade de afirmação da unidade nacional, encontrada nas batalhas dos Guararapes conforme demonstrado após a Segunda Guerra Mundial, no período da ditadura militar e hoje, com as sucessivas crises políticas vividas no Brasil dos últimos anos.

Ainda assim, é possível realizar uma leitura do episódio que remeta a um processo de desconstrução da chamada história oficial. A importância dos negros e índios para as batalhas dos Guararapes e como constituição do povo brasileiro traz à luz o papel desses grupos desde o início da formação do país. O pensamento que coloca os personagens principalmente na condição de cristãos precisa ser repensado. O sentimento de unidade nacional por meio do discurso religioso ainda permeia os espaços da sociedade brasileira. Quer seja na escola ou em governos conservadores.

REFERÊNCIA

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

BENTO, Cláudio Moreira. **As batalhas dos Guararapes**: descrição e análise militar. Porto Alegre: Gênese, 2004. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/As%20Batalhas%20dos%20Guararapes.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BENTO, Cláudio Moreira Bento. **ESPÍRITO sagrado dos Guararapes. AHIMTB**, 2020. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/O%20ESP%C3%8DRITO%20SAGRADO%20DOS%20GUARARAPES.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. Decreto de 24 de março de 1994. **Diário Oficial da União**. Seção 1 - 25/3/1994, Página 4315. Disponível em: < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/1994/decreto-42659-24-marco-1994-579403-publicacaooriginal-102296-pe.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **História do exército brasileiro**. Estado-Maior do Exército. Brasília: DF, 1972.

BRASIL. **Projeto Rondon nos Guararapes**. Ministério do Interior. Projeto Rondon – Coordenação Regional do Nordeste. Recife: [s.n.], 1971.

BRASIL. **O que é o Projeto Rondon**. Online, [2020?] Disponível em: < <https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/343/area/C/module/default>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAETANO, Vitor de Souza; SANTOS, Everton Araújo dos. Os militares e a política de 1945 a 1985. In **Revista Agulhas Negras**, Resende, ano 3, n. 3, jan./dez. 2019. p. 54-66. Disponível em: < <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/aman/issue/view/210/Revista%20Agulhas%20Negras>>. Acesso em: 20 out. 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DISCURSOS, condecorações e apresentações marcam o Dia do Exército em Brasília. **Ministério da Defesa**, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/discursos-condecoracoes-e-apresentacoes-marcam-o-dia-do-exercito-em-brasil>. Acesso em: 28 jun. 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAIOR, Armando Souto. **História do Brasil: para o curso colegial e vestibulares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro veio: O imaginário da restauração pernambucana**. 3. ed. rev. São Paulo: Alameda, 2008.

NOSSA história. **Projeto Rondon**, 2020. Disponível em: <https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/9718/area/C/module/default>. Acesso em: 27 jun. 2020.

PARQUE Histórico Nacional dos Guararapes. **Comando da 7ª Região Militar**, 2020. Disponível em: <http://www.7rm.eb.mil.br/index.php/parque-historico>. Acesso em: 28 jun. 2020.

PEDRO, Antonio Fenando Pinheiro. Quando a pátria e o exército foram forjados no fogo e no sangue. **The Eagle View**, 2017. Disponível em: <https://www.theeagleview.com.br/2017/04/batalha-de-guararapes-patria-e-exercito.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PEDRO, Antonio Fenando Pinheiro. Quando a pátria e o exército foram forjados no fogo e no sangue. **Associação dos Oficiais da Polícia Militar**, 2020. Disponível em: <http://aopm.com.br/batalha-de-guararapes-patria-e-exercito-forjados-no-sangue-e-no-fogo/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PEDRO, Antonio Fenando Pinheiro. Quando a pátria e o exército foram forjados no fogo e no sangue. **Ambiente Legal: legislação, meio ambiente e sustentabilidade**, 2020. Disponível em: <http://www.ambientelegal.com.br/batalha-de-guararapes-patria-e-exercito-forjados-no-fogo-e-no-sangue/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PUJOL, Edson Leal. Ordem do Dia. **Exército Brasileiro**, 2020. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/id/11353801. Acesso em 28 jun. 2020.

ROUSSEFF, Dilma. **Mensagem da presidenta Dilma Rousseff – 2013**. Disponível em: < https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/mensagem-da-presidenta-dilma-rousseff-2013-saudando-o-dia-do-exercito/16541 >. Acesso em: 21 out. 2020.

SARMENTO, Natanael. **Organização Social e Política do Brasil**. [s.l.]:[s.n.], [1977?].